



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
FACULDADE DE LETRAS E ARTES – FALA
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS – DLV
CURSO LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

DARA FERNANDA AIRES DA SILVA

O DESEJO E O FEMININO EM HILDA HILST

Mossoró-RN
2021

DARA FERNANDA AIRES DA SILVA

O DESEJO E O FEMININO EM HILDA HILST

Monografia apresentada ao Departamento de Letras Vernáculas - DLV, da Faculdade de Letras e Artes - FALA, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado em Letras - Língua Portuguesa.

Orientador(a): Profa.Dra. Maria Edileuza da Costa

Mossoró-RN
2021

**Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

S586d Silva, Dara Fernanda Aires da
O desejo e o feminino em Hilda Hilst. / Dara Fernanda Aires da Silva. - Mossoró, 2021.
42p.

Orientador(a): Profa. Dra. Maria Edileuza da Costa.
Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1.Hilda Hilst. 2. Erotismo. 3. Pornográfico. 4. Místico. 5. Desejo. I. Costa, Maria Edileuza da. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

DARA FERNANDA AIRES DA SILVA

O DESEJO E O FEMININO EM HILDA HILST

Monografia apresentada ao Departamento de Letras Vernáculas - DLV, da Faculdade de Letras e Artes - FALA, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado em Letras - Língua Portuguesa.

Aprovada em 29/10/2021.

Banca Examinadora

Profa. Dra. Maria Edileuza da Costa - UERN
Orientador(a)

Prof. Dr. Sebastião Marques - UERN
Examinador(a)

Prof.^a. Ma. Ana Carolina Silveira – Secretária de educação de Aracati
Examinador(a)

Dedico esse trabalho a pessoa mais importante da minha vida: Maria da Saúde Aires, minha mãe. Pelo incentivo e apoio incondicional durante essa minha trajetória.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a cada uma das pessoas que colaboraram diretamente ou indiretamente para a realização desse sonho, que de alguma forma contribuiu para a minha formação pessoal e acadêmica. Agradeço primeiramente a Deus por me conceder a vida e a sabedoria necessária para a realização desse projeto.

Agradeço a minha orientadora, a profa. Dra. Maria Edileuza da Costa, pela paciência e tempo disponibilizado para a realização desse trabalho, e a professora Ana Maria Remígio Osterne que me inspira como profissional e como pessoa, a quem sou grata desde os primeiros períodos do curso, por me apresentar o mundo literário e me indicar a autora abordada nessa dissertação, Hilda Hilst. Agradeço também aos amigos e professores da UERN, que faziam parte dos meus dias e que contribuíram para o meu crescimento acadêmico. E por aqueles que contribuíram indiretamente de alguma forma, me apoiando e dizendo que o sonho seria possível, ao meu companheiro de vida e a minha mãe, a pessoa que mais me apoiou, a quem dedico exclusivamente esse trabalho. Sou grata também aos professores Sebastião Marques e Ana Carolina que aceitaram o convite para compor a banca examinadora do meu trabalho.

Não poderia deixar de agradecer especialmente aos meus companheiros de curso: Mateus, Ellen, Emmanuele e Larissa. Que ao longo da minha trajetória se tornaram mais que isso, se tornaram a minha família. A quem criei laços e que serei eternamente grata por ter tido a oportunidade de conhecer e conviver. Obrigada por todos os risos compartilhados, todos os ensinamentos e companheirismo. E que possamos nos tornar companheiros de trabalho. Pois ciclos precisam ser encerrados para que novos possam começar.

“Toda mulher quer ser amada
Toda mulher quer ser feliz
Toda mulher se faz de coitada
Toda mulher é meio Leila Diniz”
(Rita Lee)

RESUMO

Partindo da curiosidade em relação a maneira como as mulheres se manifestavam em suas escritas, e principalmente sobre como ocorreu a abordagem erótica feminina, o presente trabalho objetiva analisar na obra *Do desejo* (1992) o erotismo e o desejo feminino, destacando também o místico. A metodologia empregada nesse projeto trata-se de uma pesquisa bibliográfica, fundamentada em leituras analíticas e interpretativas que auxiliaram esse trabalho. Dessa forma, levando em consideração os métodos citados por Souza (2016), que baseia-se na observação dos textos teóricos, a fim de investigar a sua relevância na construção de uma pesquisa. Este trabalho foi obtido com base nos textos teóricos dos autores: Alberoni (1986), Confortin (2003), Hilst (1992), Lapeiz (1983), Moraes (2007), e entre outros. Observa-se assim, que na obra *Do Desejo* (1992) de Hilda Hilst, suas escritas não retratam apenas o erótico e o desejo carnal. Foi necessário verificar o místico e relacioná-lo ao desejo que os poemas dessa obra retratam, já que compreendemos que o objeto de desejo, não pode ser apenas subentendido como um ser palpável, de carne e osso.

Palavras-chave: Hilda Hilst. Erotismo. Pornográfico. Místico. Desejo.

ABSTRACT

Starting from the curiosity about the way women used to express in their writing and mainly, about how the female erotic approach has happened, this research has as main objective to analyze in the work *Do desejo* (1992) the eroticism and the female desire, also highlighting the mystic. The methodology used in this project was bibliographic research, founded on analytical and interpretative readings. Therefore, considering the methods cited by Souza (2016) based on the observation of theoretical books, in order to investigate its relevance in the construction of a research, this work was developed based on the theoretical texts of authors such as Alberoni (1986), Confortin (2003), Hilst (1992), Lapeiz (1983), Moraes(2007) and others. It is observed that in the work *Do desejo* (1992) by Hilda Hilst, her writings not only portray the erotic and the desire of the flesh. It was necessary to verify the mystic and relate it to the desire in the poems portrayed in the book, since we understand the object of desire cannot be implied as a palpable being, made of flesh and bones.

Keywords: Hilda Hilst. Eroticism. Pornographic. Mystic. Desire.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 A LITERATURA DE AUTORIA FEMININA: OPRESSÃO, SILENCIAMENTO E RESISTÊNCIA.....	13
2.1 Auta de Souza.....	18
2.2 Nísia Floresta.....	20
2.3 Hilda Hilst: Feminilidade, erotismo e liberdade	22
3 HILDA HILST: A FIGURAÇÃO DO DESEJO	26
3.1 Erotismo, gênero e pornografia	31
3.2 Misticismo e o campo metafísico.....	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS	40

1 INTRODUÇÃO

A literatura pode ser vista como uma possibilidade de representação e reflexão dos diferentes contextos sociais e de diferentes assuntos. No que diz respeito a esses diferentes contextos, o gênero feminino é discutido. No campo literário, uma das questões debatidas, continua sendo a existência ou não de uma literatura feminina e de toda a sua especificidade. Por muito tempo, a literatura feminina foi considerada uma literatura de margem, ou seja, pouco discutida ou aprofundada. Por se tratar de um território ocupado principalmente pelos homens, por muito tempo a única imagem feminina retratada nas obras literárias era o reflexo da visão de autores.

Se as mulheres vêm desempenhando papéis tão importantes no decorrer do processo de formação da literatura quanto os homens, por que elas não recebem a visibilidade que merecem? Diante dessa realidade, como uma forma de quebrar paradigmas, as mulheres começaram a escrever sobre temáticas polêmicas, escritas estas consideradas pornográficas, eróticas e imorais. Pornográfico ou erótico, ambos os termos se relacionam à sexualidade. Em relação a uma escrita, para julgá-la como pornográfica, deve-se levar em consideração os variados contextos em que ela se insere. Diante disso, esta pesquisa tem como proposta abordar o feminino e a poética da autora Hilda Hilst. E objetiva analisar na obra *Do desejo* (1992) o erotismo e o desejo feminino, destacando também o místico; Diferenciar os termos “pornografia” e “erotismo” e contextualizar sobre a mulher em sociedade.

Esse estudo é de relevância para pesquisas literárias e interessados no assunto, por se tratar de um texto que aborda as diferentes temáticas relacionadas a literatura feminina. O interesse por esta temática surgiu através da curiosidade em relação a maneira como as mulheres se manifestavam em suas escritas, sobre como ocorreu a interdição do erotismo feminino e de como suas escritas eram vistas pelo público leitor. Por se tratar de um dos principais nomes da literatura brasileira contemporânea, Hilda Hilst foi a escolhida, com escritas marcadas pela erudição e o erotismo a partir de um olhar feminino. Entre suas obras, uma em específico, intitulada *Do desejo* (1992), que articula-se em um discurso amoroso marcado por uma dualidade entre o erotismo e a idealização do sublime.

A metodologia empregada nesse projeto é a pesquisa bibliográfica, fundamentada em leituras analíticas e interpretativas que auxiliaram esse trabalho.

Dessa forma, levando em consideração os métodos citados por Souza (2016), que se baseia na observação dos textos teóricos, a fim de investigar a sua relevância na construção de uma pesquisa, foram utilizados como base teórica os textos de autores como: Confortin (2003), com a sua contribuição para os estudos sobre gênero “[...] gênero não aparece com significado de construção social do sexo, não aparece ligado à sexualidade ou ao sexo”. (CONFORTIN, 2003, p.110), em que ambos os sexos são produzidos em sociedade, e trata-se de processos inacabados, que se desenvolvem ao longo da vida; Lapeiz (1983), Moraes (2007) abordam o pornográfico e o erótico, ao afirmarem que referir-se a pornografia é tratar de diversão: “Sim. É como apertar a tecla ON de um joguinho eletrônico e está dada a partida para mais um game de emoções que se insinua de maneira sutil [...]” (MORAES E LAPEIZ (1983, p.113). Alberoni (1986) que traz uma definição para o termo pornografia:

A pornografia é uma figura do imaginário masculino. É a satisfação alucinatória de desejos, necessidades, aspirações, medos próprios desse século. Exigências e medos históricos, antigos, mas que persistem até hoje e que ainda são ativos. (ALBERONI, 1986, p.12)

Por conseguinte, será possível identificar as seguintes temáticas relacionadas: O erotismo, o pornográfico e o místico. Abordagens estas, que servirão de base para o desdobramento desse trabalho. Diante disso, o objeto de estudo desse projeto são cinco poemas não intitulados da obra *Do desejo* (1992), da poetisa Hilda Hilst, sendo os poemas I, II, III, IV e X escolhidos. Partindo da hipótese de que na obra *Do Desejo* (1992) de Hilda Hilst, suas escritas não retratam apenas o erótico e o desejo carnal, foi necessário verificar o místico e relacioná-lo ao desejo que os poemas dessa obra retratam. Compreendemos que o objeto de desejo na obra, não pode ser apenas subentendido como um ser palpável, de carne e osso, fazendo surgir também a necessidade de comparar os termos “pornografia” e “erotismo”, e assim, fazer considerações acerca das escritas de Hilda Hilst.

As contribuições teóricas aqui expostas, orientam a estrutura de apresentação da análise aqui proposta. Em que o trabalho se dividirá em 4 capítulos: O capítulo 1 é uma breve introdução norteadora dessa pesquisa, expondo por exemplo, os objetivos, a metodologia e a justifica desse trabalho. O capítulo 2 faz uma contextualização sobre a literatura feminina, abordando um pouco das lutas traçadas pelas mulheres que buscavam por direito e liberdade em todos os sentidos. É

intitulado por “A Literatura de autoria feminina: Opressão, silenciamento e resistência” e divide-se em três tópicos: O primeiro expõe um pouco sobre Auta de Souza, e como seu papel na literatura teve importância, por se tratar de uma mulher negra diante de uma sociedade opressora e patriarcal. O segundo tópico contextualiza sobre Nísia Floresta, poetisa com escritas que contrariavam os costumes patriarcais e opressivos da época. Trata-se de uma figura quase desconhecida em boa parte do Brasil, mas que é sem dúvidas a representação da constante luta pela liberdade feminina. E o terceiro e último tópico aborda um pouco sobre Hilda Hilst, um dos nomes que se apropriou de temas polêmicos, com uma trajetória que expressa os diferentes gêneros da literatura, e por ser considerada um dos principais nomes da literatura brasileira contemporânea

Essa abordagem foi necessária por se tratar de poetisas brasileiras que fizeram história na literatura brasileira. Já o capítulo 3 diz respeito a análise de alguns poemas que compõem a obra *Do desejo* da autora Hilda Hilst. O capítulo intitula-se “Hilda Hilst: A figuração do desejo” e também divide-se em tópicos: O primeiro contextualiza sobre erotismo, gênero e pornografia e o segundo traz uma breve contextualização sobre o misticismo e o campo metafísico nas obras da autora. E por fim temos o capítulo final, em que são apresentados algumas considerações acerca de tudo o que foi exposto.

2 A LITERATURA DE AUTORIA FEMININA: OPRESSÃO, SILENCIAMENTO E RESISTÊNCIA

A literatura feminista é uma das vertentes que aparece nas pesquisas acadêmicas contemporâneas. Trata-se de um processo que precisou de anos para receber a visibilidade necessária, aproximadamente cinquenta anos para romper as barreiras impostas, e assim, estabelecer o movimento, abrindo novos espaços para as escritas femininas.

Durante muito tempo os estudos relacionados a figura feminina foram renegados. Atualmente é fácil encontrarmos diferentes produções literárias escritas por mulheres, se compararmos aos tempos passados em que os homens dominavam até esse espaço, enquanto as mulheres ficavam em suas residências cuidando do lar. A história das mulheres é trilhada por lutas, conquistas e opressão. Vale lembrarmos do período antes da chegada dos colonizadores, quando no Brasil a mulher indígena exercia as mesmas funções que os homens. A divisão das tarefas nas comunidades indígenas era estipulada pela capacidade física de cada índio e não pelo fato de ser homem ou mulher, e que depois a história das mulheres passou a introduzir as regras trazidas pelos europeus, em que no cenário indígena a mulher era dona de sua sexualidade, podendo escolher diferentes parceiros sexuais.

Com o tempo, as mudanças eram inevitáveis, fazendo surgir a necessidades das mulheres indígenas se organizarem em movimento diante dos outros povos. Os costumes passaram a ser outros, mas as mulheres continuam sob o domínio da figura masculina.

Agora, fora de suas aldeias, numa arena em que todos e todas deveriam ser iguais na luta por seus direitos, as mulheres mais uma vez ficavam em larga desvantagem. As mulheres indígenas, que antes eram submetidas à autoridade masculina no interior de suas comunidades, passaram a ser submetidas aos mandos de outros “homens” que não os “seus” (da sua casa, da sua família e do seu povo) homens “desconhecidos.” (PINSKY, 2013, p.202)

Em relação aos movimentos, as mulheres indígenas passam a discutir sobre demarcação de terras, educação e outros assuntos relacionados aos povos, mas novamente são excluídas pelas autoridades específicas.

A criação de organizações indígenas não governamentais, nesse primeiro momento, mais uma vez excluiu as mulheres: na maioria das vezes em que

alguém saía para representar a comunidade em algum fórum, discussão ou trabalho, o escolhido era homem. Apenas na falta de homens disponíveis se indicava uma mulher para ocupar o espaço. (PINSKY, 2013, p.203)

A situação é insustentável, mas não é o bastante para parar o movimento, essas mulheres continuam tentando quebrar os paradigmas a elas impostos. A negação de espaço e a disputa política são alguns dos assuntos ainda difíceis de serem resolvidos, pelo fato de ainda haver aldeias em que a figura masculina não admite e não cede espaço de destaque para as mulheres. A Igreja também tentava ditar o certo e o errado, em nome da moral dos bons costumes:

A própria Igreja Católica procurava restringir a atuação das mulheres à esfera privada. Ao desencorajar a participação feminina no mundo da política e do trabalho fora de casa, os religiosos reforçavam a hierarquia existente entre homens e mulheres e o ideal de reclusão feminina. Entretanto, ao mesmo tempo que promovia um modelo de sacrifício pessoal e resignação a ser adotado pelas mulheres, a instituição religiosa podia fornecer-lhes um espaço de atuação para além das paredes da casa (PINSKY, 2013, p.25)

Para a Igreja, a culpa do pecado caída sobre Eva, refletindo nas mulheres, e o exato momento em que Eva morde a maçã e comete o pecado é garantido a superioridade a Adão e aos homens. A partir do surgimento do movimento feminista, a figura feminina e a sua história se redireciona e a mulher surge no espaço social, lutando por seus valores e ideais. Esse movimento trata-se de uma filosofia que considera a existência de uma opressão sobre as mulheres. A expressão “movimento de mulheres” refere-se as ações organizadas pelos grupos que buscam a reivindicação de direitos ou melhores condições de vida. Quanto ao “movimento feminista”, refere-se as ações das mulheres que querem combater a discriminação e que buscam o domínio de suas próprias vidas.

Em seu significado mais amplo, o feminismo é um movimento político. Questiona as relações de poder, a opressão e a exploração sobre de grupos de pessoas sobre as outras. Contrapõe-se radicalmente ao poder patriarcal. Propõe uma transformação social econômica, política e ideológica da sociedade. (TELES, 1999, p.10)

Até meados do século XIX, as mulheres eram orientadas a pensarem principalmente no casamento, e na formação de sua família. Sempre orientadas nas escolas e em casa sobre costumes domésticos, e que depois da primeira menstruação já deveriam arrumar um pretendente para se casarem.

Em termos ideais, a dedicação da mulher ao lar deve ser exclusiva. Isso denota status e sinaliza o sucesso do marido. Para fazer jus ao modelo, esposas, sempre que possível, eram levadas a deixar de participar da economia familiar nos negócios da família, na lavoura, nas oficinas artesanais, nas vendas e lojinhas ou em qualquer outra atividade produtiva que exercessem para serem simplesmente “do lar”, suprema ambição das famílias que se queriam respeitáveis. (TELES, 1999, p.240)

Quando as famílias conseguiam melhorar de vida, era sinal de que as mulheres estavam se aproximando da figura de dona de casa idealizada. Esser (2014) fala sobre a criação, em que a figura da mulher sempre esteve ligada à figura de mãe, gerar um filho era umas das poucas formas de poder exercidas pela mulher, que desde seu nascimento era controlada pelo pai. Após o casamento, o marido passava a ter controle sobre as mulheres, e as mesmas, não tinham controle sobre suas próprias vidas. Os princípios conservadores e moralistas que superiorizam a figura masculina em relação à classe feminina, fazem parte de um paradoxo social em que um indivíduo é dominante e o outro é o dominado.

A diferença biológica entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino, e, especificamente, a diferença anatômica entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros e, principalmente, da divisão social do trabalho. (BOURDIEU, 2002, p.20)

A sociedade acaba evidenciando esse controle masculino, dando ao homem instrumentos de poder de dominação do presente e de expansão para o futuro, ou seja, o homem foi sendo por natureza um ser transcendente em relação ao sexo oposto.

Com relação aos temas e gêneros literários são unânimes em apontar para alguns que seriam mais ‘adequados’ à mulher, como os romances sentimentais e os de confissão psicológica, “tal a sensibilidade feminina”. Também é frequente[SIC] o espanto diante da representação da figura masculina em determinados textos de mulher, em tudo diferentes do estereótipo do homem viril, forte e superior, presente nos textos de autoria masculina. (DUARTE, 1987.p.20)

No que diz respeito a esse espaço na literatura conquistado pelas mulheres, os estudos relacionados eram quase inexistentes, por volta da década de 1980 esses estudos eram considerados irrelevantes como objeto de pesquisa. Submissas e silenciadas são algumas das palavras que acompanharam a trajetória da mulher

brasileira ao longo de suas histórias. As mulheres passam a ocupar outros lugares na sociedade ao longo dos tempos, desempenhando papéis que vão além daqueles que elas vinham desempenhando ao longo dos anos (de mãe, esposa, dona de casa e outros).

Um conjunto de mudanças ocorridas no Brasil a partir das décadas de 1960 e 1970 permitiu às mulheres colocar em causa estes valores e ideais: o aumento da participação feminina no mercado de trabalho e a luta das mulheres por crescimento e reconhecimento profissional; o maior acesso à educação formal; a conquista feminina do poder de decidir se e quando ser mãe (com a disponibilização de métodos contraceptivos mais eficientes); a instituição do divórcio (por lei, em dezembro de 1977) TELES, 1999, p.13)

Essa luta pela resistência vai além de uma luta pela igualdade de gênero, diz respeito também ao direito pelo prazer e o direito de decidir o que querem fazer com seus corpos. O discurso sexista relacionado a inferioridade física e mental foi, durante séculos, motivo de opressão por parte daqueles que usavam a força física e financeira para controlar a vida das mulheres.

Essa escrita da mulher – seguida de outras formas de discursos provenientes de setores também ditos marginais, como a literatura de grupos étnicos menos favorecidos – vem se desenvolvendo com um considerável grau de complexidade, passando a exigir da crítica formas de leitura da produção literária criada pelas denominadas minorias cognitivas que sejam diferentes daquelas baseadas exclusivamente nos padrões canônicos. (PERREIRA, 2016, p.88)

No espaço literário, a mulher assumiu muito mais do que o papel de autoria de obras autênticas e originais e passaram a reconstruir suas identidades. Nesse espaço, algumas escritoras se posicionaram diante da opressão que as cercavam. Entre elas, devem ser lembradas pelas suas escritas icônicas, reflexivas e singulares: Helena Parente Cunha, Clarisse Lispector, Hilda Hilst, Auta de Souza, Beatriz Brandão, Bárbara Heliodora, Francisca Júlia, Josefina Alvares de Azevedo, Delmira Silveira, Maria Firmina dos Reis, Inês Sabino. Todas as pesquisas e dados relevantes para os estudos dessa pauta, devem ser de extrema relevância, é apenas uma parte de algo que merece diferentes contextualizações.

Tanto a identidade feminina quanto a masculina, ambas vão sendo moldadas aos poucos, influenciadas pela cultura, pelos hábitos ou costumes do meio em que se inserem. O papel feminino era desvalorizado socialmente, ficando excluída do processo produtivo de um modo geral, e não há como tratarmos da figura feminina

sem traçar suas lutas em busca seu espaço. Enquanto os rapazes eram enviados para outros países, para estudarem e serem doutores ou advogados, considerados os cursos de elite, as mulheres permaneciam em suas casas, realizando tarefas domésticas e cuidando do lar. Alves e Pintanguy (1991, p.12) acrescentam “Os ‘Deuses’ criaram a mulher para as funções domesticas, o homem para todas as ‘outras’. Xenofonte, no século IV A.C, exprimia um tipo de argumentação naturalista que ainda hoje demarca espaços para os sexo.”

Mas mesmo diante dessa realidade, algumas conseguiam fazer revolução, quebravam paradigmas e escreviam seus poemas e escritas pessoais, escritas estas, ignoradas antes de serem compreendidas e consideradas, e em seguida criticadas.

Hoje, uma crítica literária de perspectiva feminista, apoiada em postulados como o da ‘participação consciente’ e preocupada em encaminhar sua argumentação na defesa dos interesses da mulher, pretende a abolição dos estereótipos sexuais socioculturais, alguns considerados ‘naturais e imutáveis’, bem como denunciar os preconceitos existentes num texto e apreender as imagens e símbolos associados ao signo mulher. (DUARTE, 1987.p.20)

Junto com os livros, surgem as revistas e os jornais, como fontes de imprensa alternativas para as mulheres. E assim, aos poucos vai sendo construída a história da constante luta por parte das mulheres. Com os movimentos feministas, que começaram no período da ditadura, surgiram os questionamentos em torno da “superioridade masculina” sobre as mulheres. E a partir daí há uma reviravolta a respeito do papel da mulher em sociedade, principalmente na escrita, em que as obras geralmente eram assinadas por homens ou por mulheres que usavam pseudônimos.

Os primeiros registros das escritas femininas não tiveram tanto retorno no início, mas aos poucos vão ocupando espaço, não era algo visto com bons olhos pela sociedade. E aos poucos essa imagem de mulher submissa vai sendo transformada, as mulheres percebem que ficar em casa cuidado do lar não era o suficiente. Ao escreverem, essas mulheres estão compartilhando com os leitores os seus desejos mais íntimos, seus pensamentos e suas vivências, desestabilizando discursos ultrapassados em relação a suas escrita. Dessa forma, o tópico seguinte irá dar continuidade a contextualizando sobre a literatura de autoria feminina, em torno de da autora Auta de Souza, uma das escritoras oitocentista que contribuiu para a construção da literatura brasileira.

2.1 Auta de Souza

A autora Auta Henriqueta de Souza nasceu em Macaíba, em 12 de setembro de 1876 e faleceu em Natal, no ano de 1901, vítima de tuberculose. Aos 17 anos iniciou sua produção poética, e aos 18 anos estreia na imprensa, com a publicação de poesias na revista Oásis em Natal. Auta de Souza surge para fazer história na literatura norte-rio-grandense, ficando conhecida através de seu único livro de poemas: *Horto* (1900), uma obra em que a autora fala sobre a sua vida e que traz um prefácio de Olavo Bilac.

Seu único livro, intitulado *Horto*, contou até 2007, com cinco edições: 1900, 1911, 1936, 1970 e 2013:

A primeira recebeu o Prefácio de Olavo Bilac, pessoa das relações de um dos irmãos da poeta. A segunda, foi organizada e contou com uma importante nota biográfica do irmão intelectual Henrique Castriciano de Souza. A terceira, trouxe o Prefácio de Alceu Amoroso Lima, outro grande representante da crítica católica do país. A quarta, inovou na apresentação de poemas que ainda mantinham-se somente no manuscrito *Horto* e que, por seleção do irmão Henrique Castriciano, vieram a público. A quinta, trouxe um estudo crítico reunindo vida e obra [...] (GOMES, 2007, p.164)

O título da obra é uma construção metafórica que faz a menção do local em que Jesus se refugiou para os seus últimos momentos na cruz. É também uma referência aos sentimentos e pensamentos do eu –lírico. Ao falarmos em escrita feminina no século XIX, é imprescindível destacar a passagem de Auta de Souza, com poemas que abordam os diversos temas relacionados a figura feminina.

Auta de Souza começou a poetar em 1893 e, no ano seguinte, a publicar na imprensa local. Dos mais de trinta jornais então existentes no estado, foi colaboradora de cinco, sendo quatro deles considerados os mais importantes. (GOMES, 2007, p.163).

A escritora é de família de posses e prestígio político, acarretando em uma grande responsabilidade sobre si. Pelo fato de se tratar de uma mulher negra diante de uma sociedade opressora e patriarcal, ou por medo de críticas. E para não se comprometer, ela torna-se uma das escritoras que passam a utilizar pseudônimos em suas escritas. Ela luta contra as próprias inibições pessoais e recebe críticas literárias, talvez por isso, ela passa a escrever sobre temas religiosos, crianças e

poemas sentimentalistas. Um aspecto notável da obra de Auta de Souza diz respeito a poemas seus que foram musicados por compositores regionais.

Há controvérsia sobre o pertencimento literário de Auta de Souza - entre o romantismo e o simbolismo-, bem como sobre o caráter religioso de seus escritos, bem destacada pela pesquisadora Leão (1986), em sua dissertação de mestrado sobre Auta de Souza. (GOMES, 2007, p.166)

Vale ressaltar que um dos primeiros estudiosos a divulgar esses poemas musicados foi Mário de Andrade, em uma de suas obras. Fora a sua contribuição em jornais, com a escrita de seus poemas, não há comprovação da participação de Auta de Souza em manifestações ou movimentos de caráter político ou cultural, mas há a possibilidade de que ela participasse, mas sem que seu nome aparecesse.

Outra dimensão considerável da ressonância de Auta de Souza diz respeito a sua relação com o universo espírita kardecista brasileiro. Nele, a poeta é considerada uma mentora espiritual de ações de caridade e de obras de assistência, muito conhecida nacionalmente, havendo jornal, revista, entidades, centros espíritas por todo país e uma editora batizados com seu nome. (GOMES,2007, p. 167)

A autora é conhecida também como uma mentora espiritual, sua influência é tão significativa que existe inúmeros centros espíritas que receberam o nome dela. Auta de Souza foi uma das poucas escritoras oitocentista, e a tentativa de categorizar suas escritas como uma poeta mística pode significar uma forma de apagar o caráter transgressor que as escritas femininas representavam. O tópico seguinte irá expor um pouco sobre a participação da autora Nísia Floresta, outra figura de grande importância, quando se trata da literatura brasileira.

2.2 Nísia Floresta

É relevante falarmos um pouco sobre Nísia Floresta, já que suas escritas contrariavam os costumes patriarcais e opressivos da época. Esta figura é quase desconhecida em boa parte do Brasil, mas que é sem dúvidas a representação da constante luta pela liberdade feminina contra os modelos patriarcais de sua época.

Nísia Floresta Brasileira Augusta, pseudônimo de Dionísia Gonçalves Pinto, nasceu no sítio Floresta, em Papari – hoje município Nísia Floresta –, no Rio Grande do Norte, em 12 de outubro de 1810, filha de Dionísio Gonçalves Pinto Lisboa e Antônia Clara Freire (DUARTE, 2008, p.17)

As mulheres eram restritas ao espaço privado e não tinham oportunidade de mostrar suas vontades, talentos e capacidades até um certo tempo. O Brasil vivia sob um regime patriarcal e ditador, e em meio a este contexto de desigualdades, surge Nísia Floresta, mulher negra e pobre que decide tornar-se escritora e é considerada a primeira voz feminista brasileira, pelas suas escritas modernistas. Pertencente a uma família Norte-rio-grandense, foi alvo de discriminação por ter tomado a decisão de abandonar o seu marido. A autora foi uma das primeiras mulheres a publicar textos em jornais, e por consequência das divergências de opiniões e perseguições políticas, muda-se para outro estado.

Nísia deve ter sido uma das primeiras mulheres no Brasil a romper os limites do espaço privado e a publicar textos em jornais da chamada grande imprensa. E foram muitas as colaborações que a cada dia surgiam sob a forma de crônicas, contos, poesias e ensaios. Aliás, esse é um traço da modernidade de Nísia Floresta: sua constante presença na imprensa nacional desde 1830, sempre comentando as questões mais polêmicas da época (DUARTE, 2008, p.38)

Jornalista, educadora e poetiza, Nísia Floresta ganha espaço com suas produções notórias, escrevendo para livros e pela imprensa. Nísia Floresta iniciou sua carreira de escritora no ano de 1832, com a tradução da obra *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*, escrita por *Mary wollstonecraft*, percussora do feminismo na Inglaterra. Nele, a autora faz a contestação da situação em que as mulheres viviam em seu tempo, em que elas recebiam um nível de educação muito inferior ao dos homens. É com esta obra também que ela passa a adotar o pseudônimo de “Nísia Floresta Brasileira Augusta”, transparecendo assim, diferentes aspectos de sua personalidade. “Nísia” é o diminutivo de Dionísia; “Floresta”, uma

referência ao sítio onde nasceu; “Brasileira”, como uma forma de homenagear a sua nacionalidade e “Augusta”, uma homenagem ao segundo marido que foi morto. De acordo com o site *Agência de notícias* (2021):

Nísia Floresta foi a pioneira do feminismo, periodismo e literatura de autoria feminina no país, mas sua importância vai além: em 1838, funda, no Rio de Janeiro, um dos primeiros colégios exclusivos para meninas, o Colégio Augusto. A legislação brasileira previa escolas femininas desde 1827, porém o ensino era limitado à educação do lar. O Colégio Augusto, então, previa as mesmas aulas que os meninos recebiam, como matemática, português e história. (AGÊNCIA DE NOTÍCIAS ,2021)

A autora tratou dos diversos temas ao longo de sua carreira literária, sobre direitos indígenas, abolição, educação e emancipação feminina. Temas estes, os mais discutidos e com mais repercussão entre os leitores. Na época, a educação era negada às mulheres por ser considerado algo desnecessário, e as mulheres não podiam ter uma formação superior, e era esse tipo de situação que ela retratava com frequência em suas escritas.

Mas é precisamente a questão da educação o tema que mais encontramos ao longo da produção intelectual de Nísia Floresta, veiculada tanto em discursos e novelas, como em ensaios e colaborações jornalísticas – a utopia feminista moveu inúmeras mulheres no século XIX, na Europa e nas Américas. A educação como a condição primeira e fundamental para a libertação da mulher, a situação de opressão e de submissão em que as mulheres se encontravam também parecem ter contaminado a obra de Nísia Floresta (DUARTE, 2008, p. 41)

As jovens costumavam receber apenas o básico, aulas de bordado, canto ou de etiqueta. Diante das diferentes abordagens, suas obras merecem reconhecimento pela forma abrangente e contextualizada que elas descrevem a figura feminina, pelo espaço aberto para a retratação desse gênero que foi durante tempos oprimido pela figura do homem principalmente, da imposição de um sexo sobre o outro. No próximo tópico será abordado um pouco sobre a autora Hilda Hilst, que assim como Auta de Souza e Nísia Floresta, contribuiu para a construção da literatura brasileira.

2.3 Hilda Hilst: Feminilidade, erotismo e liberdade

As poetisas brasileiras assumiram um papel importante na literatura, quando buscaram abordar sobre a sexualidade e o erotismo em suas escritas, em que o feminino é representado de diversas maneiras. Essa multiplicidade é resultante das inúmeras visões atribuídas ao gênero feminino. Hilda Hilst é um dos nomes que se apropriou de temas polêmicos como estes já mencionados, sua trajetória como escritora, expressa os diferentes gêneros da literatura, a prosa narrativa, o drama e a poesia lírica, por exemplo.

O termo feminilidade diz respeito aos atributos associados as mulheres. Para Bastone (2020, p.289) “Cada um de nós possui caracteres masculinos e femininos graças à nossa disposição bissexual, fazendo com que não exista feminilidade ou masculinidade puras.” Acreditamos assim, que essa feminidade é fortemente influenciada e determinada pelo fator social.

A cultura europeia, destes idos, produzia um discurso que visava promover uma perfeita adequação entre as mulheres e o conjunto de atributos, funções, predicados e restrições denominado feminilidade. Assim, era definida a natureza das mulheres. As virtudes próprias da feminilidade pautavam-se no recato, na docilidade, na afetividade mais desenvolvida, na receptividade passiva em relação aos desejos e necessidades dos homens e, mais tarde, dos filhos. (ALMEIDA,2012, p.30)

A figura da mulher e o erotismo feminino, eram construídos em torno da maternidade. Por outro lado, de forma paradoxal, a natureza feminina precisaria ser domada pela sociedade e pela educação para que pudessem cumprir com o seu destino. “O erotismo feminino era, pois, concebido como essencialmente perigoso, pela ameaça de desordem que representava.” (ALMEIDA 2012, p.30). O erotismo era relevante pela Igreja apenas para fins reprodutivos, esvaziado tido e como impuro. “De acordo com a ética cristã, a relação sexual só seria permitida e reconhecida com bens reprodutivos, devendo ser silenciada qualquer dimensão do gozo no corpo feminino.” (ALMEIDA 2012, p.30). A mulher era então, destinada apenas a ocupar a posição de dona do lar, proibida de falar de seus desejos e de ter o controle sobre suas vidas.

Considerada um dos principais nomes da literatura brasileira contemporânea, com obras marcadas pela erudição e por críticas, nascida em 21 de abril de 1930, em Jaú, cidade de São Paulo, Hilda Hilst é uma das poetisas que exprimem o

erotismo a partir de um olhar feminino, sempre se mostrando uma defensora da liberdade feminina. Mesmo que na maioria das vezes, esse erotismo vinculado à voz da mulher, torne-se algo visto como imoral ou impróprio diante da sociedade. A mulher estaria assim, apropriando-se de um discurso alternativo, na tentativa de ser ouvida e compreendida. Ao reconhecer-se como sujeito, e não apenas como o objeto de desejo do outro, a mulher busca assim, seu direito sobre seu corpo. E é sobre essa liberdade, esse poder, que as escritas de Hilda Hilst irão abordar.

Ela convivia mais com homens do que com mulheres, e se perguntassem a Hilst se ela se considerava feminista, a resposta possivelmente seria não. Mas a maneira como ela escrevia, a naturalidade na escolha dos termos e a forma com que lidava com seu desejo sexual, dizem o contrário. Em relação a figuração da mulher na literatura, as personagens femininas costumavam associar-se a figuração de um ser sereno e gentil, uma idealização romântica que Hilda Hilst desconstrói em seus poemas. Na obra intitulada por *Fluxo- Floema* (1970), é relatado o cansaço sentido por mulheres que tentam estar sempre belas e arrumadas para seus parceiros: “[...] que vontade enorme de soltar a barriga, [...] de dizer que eu tenho flebite (ah, é?) e que as minhas pernas doem quando eu faço o amor” (HILST, 1970, 128). Essa é apenas uma demonstração de como pode ser cansativo e desgastante tentar atender essas exigências impostas as mulheres.

Não há como falar da figura feminina e não citar um dos grandes movimentos sociais de importância para as mulheres: O movimento feminista, que surge a partir de um momento histórico. Ele se traduz em um processo construído a partir de transformações e conquistas. Guimarães (2007), acrescenta:

Por se voltar para o que já era parte da tradição e também por questionar a exclusão da mulher escritora do cânone literário, a primeira fase da crítica feminista teve um caráter quase que estritamente revisionista. Como consequência [SIC] dessa necessidade de corrigir, revisar e modificar o que foi registrado pela história cultural dominante, o discurso feminista ficou inicialmente dependente da teoria literária já estabelecida, o que retardou seu avanço ou a visualização de suas perspectivas alternativas. (GUIMARÃES, 2007, p.14)

Trata-se de um movimento tão importante quanto tantos outros movimentos sociais, e que busca rever e recriar a identidade de sexo sob uma perspectiva ótica feminina.

Hoje, o feminismo formula o conceito de libertação que prescinde da ‘igualdade’ para afirmar a diferença- compreendida não como desigualdade

ou complementaridade, mas como ascensão histórica da própria identidade feminina. (TELES, 1999, p.10)

Trata-se de um movimento que preza pela igualdade de gênero, e não da superioridade de um sobre o outro. Para Hilda Hilst, tanto o sexo, o desejo, o amor ou a religião, são vistos como coisas naturais e espontâneas. Suas escritas não tenham sido vistas com bons olhos por não atenderem a moral dos bons costumes, eram assim, incompreendidas, atacadas e julgadas. E às vezes rotuladas como “pornográficas” ou “eróticas”.

O feminismo rompe com os modelos políticos tradicionais, que atribuem uma neutralidade ao espaço individual e que definem como política unicamente a esfera pública[...] o discurso feminista, ao apontar para o caráter também subjetivo da opressão, e para aspectos emocionais da consciência, revela os laços existentes entre as relações interpessoais e a organização política pública (ALVES E PITANGUY, 1991, p.8)

É de suma importância falarmos um pouco sobre os dois elementos, por apresentarem definições distintas.

A palavra ‘pornografia’ provém do grego ‘pornographos’ que significa literalmente escritos sobre ‘prostitutas’. Assim, em seu sentido original a palavra refere-se à descrição da vida, dos costumes e dos hábitos das prostitutas e dos seus clientes. Talvez por isso tenha chegado a significar, como a definem os dicionários atuais. (MORAES E LAPEIZ, 1983 p. 109)

O conceito de ambos os termos se modificaram ao longo dos tempos, era considerado pornográfico todos os textos que fossem escritos de uma forma que chocasse quem os lessem, ameaçando assim, a integridade e boa moral de uma sociedade que atende aos bons costumes. É no que diz respeito ao erotismo:

Do erotismo é possível dizer que ele é a aprovação da vida até a morte [...] a atividade sexual de reprodução é como os animais sexuais e aos homens, mas, aparentemente, só os homens fizeram da sua atividade sexual uma atividade erótica (BATAILLE, 1987, p. 10).

A atividade erótica seria assim, uma prática que vai além do ato sexual, de uma relação corpórea, e o que diferencia o erotismo da atividade sexual, seria uma procura psicológica de caráter natural. *O Caderno Rosa de Lory Lamby* (1990), é a primeira obra escrita em prosa de sua trilogia pornográfica. O livro torna-se um marco na literatura feminina brasileira, por apresentar uma temática ousada, que aborda infância, prostituição e sexo. Escrito em forma de diário, o livro conta as

experiências sexuais de uma garota de oito anos, Lori Lamby, que vende seu corpo por causa dos pais. Um dos pontos que mais chocam os leitores, é a forma como é descrito os atos, e principalmente porque a criança se sente confortável e chega a dizer que gosta da situação:

Ele começou a me lambe como o meu gato me lambe, bem devagarinho, e apertava gostoso o meu bumbum. Eu fiquei bem quietinha porque é uma delícia e eu queria que ele ficasse lambendo o tempo inteiro, mas ele tirou aquele coisona dele, o piupiu, e o piupiu era um piupiu bem grande, do tamanho de uma espiga de milho, mais ou menos (SANTOS, 2000, p.9)

O ato em si que é descrito no diário, é um texto copiado por Lori, e que não aconteceu com a personagem. O final do livro dá a entender que os relatos não passam de histórias fictícias escritas pela própria menina, com a intenção de escrever um livro pornográfico vendável, já que o seu pai é um escritor que não consegue ter sucesso com seus livros. As frustrações da poetiza Hilda Hilst parecem refletir na criação da figura do pai de Lori, que assim como a autora, sofre com a falta de leitores, fazendo de ambos, escritores de uma literatura obscena. O livro seria uma forma de Hilst criticar o mercado editorial, que não vê com bons olhos as obras que não atendem a boa moral e aos bons costumes. Apesar de ser narrado por uma criança, este entrou para a lista dos livros cujo erotismo se apresenta de forma mais forte e crua. Hilda Hilst falece em 2004, com mais de 40 obras publicadas, sem que o valor de sua produção literária totalmente reconhecido. O capítulo a seguir, diz respeito à análise do objeto de estudo desse trabalho. O capítulo divide-se em subseções que serão expostas em seguida.

3 HILDA HILST: A FIGURAÇÃO DO DESEJO

Embora a maioria dos textos de Hilda Hilst sejam considerados pela crítica literária como “pornográficos”, por se tratar de escritas que não atendem os padrões tradicionais estabelecidos, a obra intitulada por *Do desejo* (1992) é composta por poesias que merecem outras definições, por se tratar de uma escrita mais delicada, “Poética erótica” é um dos termos que se encaixa bem.

Apenas pelo simples fato de falarem sobre seus desejos ou mesmo sobre o que elas entendiam sobre o assunto, as mulheres eram punidas pelos seus parceiros ou familiares. O desejo feminino era então, descrito sob uma ótica masculina, e muitas vezes era considerado ilícito.

A paixão proibida, o amor inconfessável criam para si um sistema de símbolos, uma linguagem hieroglífica, cuja chave a consciência não tem. Linguagem ambígua por essência, pois ‘traí’, no duplo sentido da palavra, o que quer dizer sem o dizer. Chega a compor, num único gesto ou numa única metáfora simultaneamente a expressão do objeto desejado e a expressão daquilo que condena esse desejo (ROUGEMONT, 1988, p.40)

E assim, o amor vai sendo substituído pelo erotismo, como marco da nova identidade feminina. A escrita amorosa presente na obra *Do desejo* (1992) por exemplo, articula-se na transgressão do erotismo¹ feminino para a idealização do sublime². Mas sempre mostrando uma atenção para a figura feminina. Ao realizar esse ato enunciativo, a mulher assume sua condição, deixando claro seus direitos sobre o seu corpo e a sua sexualidade. Mostrando assim, um certo controle sobre uma autonomia que lhe foi negada por muito tempo.

A obra analisada é composta por 10 poemas não intitulados, que recebem apenas uma numeração, e que faz parte de uma coleção de livros publicados, num intervalo de seis anos (1986-1992). *Do desejo* não segue uma ordem cronológica, e trata-se de uma das escritas em Hilda Hilst apresenta os aspectos eróticas como uma representação do desejo carnal, de prazer e da sua religiosidade. Entre as escritas dessa obra, foram escolhidos os poemas: I, II, III, IV e X. Por abordarem as

¹ “Do erotismo é possível dizer que ele é a aprovação da vida até a morte [...] a atividade sexual de reprodução é como os animais sexuais e aos homens, mas, aparentemente, só os homens fizeram da sua atividade sexual uma atividade erótica” (BATAILLE, 1987, p.10).

² “Sublime é também o que transcende o humano, é aquilo que é grandioso, que é magnífico, o considerado divino.” (SIGNIFICADOS, 2011)

diferentes temáticas cabíveis nessa pesquisa, e por contribuírem para a comunidade literária. Na abertura dos poemas, evidencia-se uma temática romântica e ao mesmo tempo erótica presente na epígrafe do livro: “quem és? Perguntei ao desejo. Respondeu: Lava. Depois pó. Depois nada.” (HILST,1992, p.18). Esses versos referem-se a um desejo sem plenitude e ao gozo carnal de uma relação corporal, em que o desejo se traduz em um sentimento que queima e que pulsa. O uso da palavra “lava” seria então, uma forma de caracterizar esse desejo, esse amor como algo intenso e que queima como fogo, metaforicamente. A epígrafe trata-se também da representação da primeira experiência da autora tentando fugir de uma angústia que a consome. É por meio desse diálogo amoroso que os leitores notam a tentativa do eu-poético em estabelecer vínculo com o mundo que lhe rodeia. Ainda nessa passagem, é retratado a busca pelo seu objeto de desejo, e de como o “nada” se transforma em uma busca obsessiva, e em uma entrega carnal a alguém que a ignora, colocando em versos as súplicas para que esse silêncio seja quebrado. Esse silêncio é comum na construção dos cenários das escritas menos românticas de Hilda Hilst, fazendo assim, surgir a hipótese de que o seu objeto de desejo trata-se de um ser divino.

Outro traço que alimenta essa hipótese é a associação a uma ideia de luz. No primeiro verso do poema I, por exemplo, a autora utiliza a palavra “cintilância”³ ao se referir ao seu desejo: “porque há desejo em mim, é tudo cintilância” (HILST,2002, p.19). O desejo mencionado no verso, seria então, um sentimento bom e radiante. Em seguida, é empregado expressões que remetem ao desejo carnal, e como ele não pode concorrer com o nada: “[...] hoje, de carne e osso, laborioso, lascivo tomas-me o corpo [...] pensei subidas, onde não havia rastros. Extasiada, fodo contigo ao invés de ganir diante do nada” (HILST,1992. p.19). Esses versos mantêm uma relação de oposição entre o ser e o Nada, em que o “ser” tem a total liberdade de escolher seus caminhos diante do “nada”: “fodo contigo ao invés de ganir diante do Nada.” (HILST, 2002.p.19). A expressão “ao invés de” é outra possibilidade de existência, em que o real e o metafísico⁴ opõem-se. De caráter metafísico, esses

³ “Brilho capaz de resplandecer, de cintilar, de luzir com muita intensidade; resplendência.” (DICIO, 2009)

⁴ “A metafísica é um modo de pensar que deve ser ultrapassado, precisamente por levar ao esquecimento da relação do homem ao ser – e, por isso, favorecer a objetificação tanto filosófica quanto científica do ente no seu todo[...].” (LOPARIC,2008, p.12)

versos apresentam a primeira demonstração da manifestação do sagrado, quando é empregado os verbos “sonhar” e “pensar” como forma de oposição aos desejos. “Sonhei penhascos quando havia o jardim aqui ao lado. Pensei subidas onde não havia rastros.” (HILST, 2020, p.19). A expressão “pensar altura” também remete ao campo metafísico e na busca por um ser celestial.

Os primeiros versos do poema II, deixam ainda mais evidente que o objeto do desejo do eu-lírico trata-se de um ser invisível e intocável: “ver-te. Tocar-te. Que fulgor de máscaras. Que desejos e rictus na tua cara, como os frisos veementes dos tapetes antigos” (HILST, 1992, p.19). Esses versos mostram a súplica em tocar o ser desejado. Como se esse ser não mostrasse sua real face, fazendo com que o eu-lírico idealize a sua aparência. Trazendo assim, a hipótese de que trata-se de um ser divino. Sempre que possível, Hilst faz referências ao divino em suas escritas, suas obras apresentam traços de uma construção que busca uma igualdade ao falar com Deus, deixando de lado toda a inferioridade humana. A importância dada ao divino demonstrará uma percepção muito diferente dos fiéis comuns. Essa construção da erótica divina, se assim podemos dizer, se revela no corpo como a presença de Deus. Quando ela diz: “tomas-me o corpo” deixa claro o quanto esse ser tem poder sobre ela, revelando uma angústia existente no eu-lírico, ao mostra-se dependente do outro ser.

O desejo expõe uma dupla face aos seus leitores, de um lado é exposto seus sentimentos intensos que o consome, e por outro lado há uma relação fortemente marcada por uma alteridade. Assim, como no primeiro poema, o poema II remete a ideia de luz, só que neste caso, o poema trata-se da sua ausência: “[...] que sombrio te torna-se repito o sinuoso caminho que persigo: um desejo sem dono, um adorar-te vívido mas livre”(HILST, 2002, p.19). O sombrio no qual o eu-lírico refere-se, opõe-se a cintilância do primeiro poema. Essa alternância de luz, seria então, uma referência a presença ou não do desejo, fazendo desse sentimento algo melancólico e doloroso em sua vida. Na escrita de Hilst, o desejo se exprime também pelas partes do corpo: pelos olhos, pela boca, pelos órgãos que fazem da poesia uma escrita mais romântica e menos erótica, como no poema III “Colada à tua boca [...] o meu vasto querer” (HILST, 1992, p.20), em que o erotismo concentra-se em uma única parte do corpo feminino e do masculino, sendo esta, a parte que se concentra o desejo. Partindo da boca, o desejo é identificado no uso da palavra “querer”, como caracterização do desejo presente nos versos, um sentimento tão voraz e feroz, ao

ponto de desestabilizar um ser. A linguagem utilizada sugere também a possibilidade de o poema estar referindo-se ao ato sexual por meio de metáforas.

Como se fosses morrer colado à minha boca.
 Como se fosse nascer
 E tu fosses o dia magnânimo
 Eu te sorvo extremada à luz do amanhecer (HILST, 2002.p.20)

A referência ao orgasmo é identificada no uso da metáfora “pela luz do amanhecer”. Note também que no poema há uma referência em torno da morte e do nascimento: “Como se fosses morrer colado à minha boca. Como se fosse nascer”. O ser amado morre simbolicamente para que ela possa nascer, e assim, serem um só. Os adjetivos e os verbos também tem uma função na construção dos versos, através deles, se constitui o clímax de um poema. Na construção do poema é notável também alguns elementos linguísticos para chamar a atenção dos leitores, é o caso do uso da hipérbole presente nesse poema, as palavras nascer/morrer para se referir ao prazer durante o ato sexual: “como se fosses morrer colada à minha boca. Como se fosse nascer” (HILST,1992, p.20). Ainda nesse poema é empregado a expressão “dia magnânimo” para se referir ao dia em que o ser feminino atinge o clímax do ato sexual. E assim, alcançar o que tanto buscava: “e tu fosses o dia magnânimo/ eu te sorvo o extremado à luz do amanhecer” (HILST, 1992, p.20).

Sua poesia transgride entre termos técnicos literários e termos de valores, apresentando traços metafísicos e traços mais eróticos. O objeto de desejo na obra, não pode ser apenas subentendido como um ser palpável, de carne e osso. Já que existe a possibilidade de se tratar de um ser invisível e intocável (Deus), por isso que a poética de Hilst se volta para a figura de um Deus. No poema IV a autora evidencia a possibilidade de definir o seu “objeto de desejo”: “E se eu disser que o desejo é eternidade” (HILST,1992, p.20). O poema inicia-se trazendo um questionamento, uma construção insólita em relação ao ser desejado: “Se eu disser que vi um pássaro/ Sobre o teu sexo, deverias crer?” (HILST,1992, p.20). A possibilidade de ver um pássaro sobre o órgão genital do ser amado faz das palavras uma estratégia para prender a atenção dos leitores, e fazê-los refletir na relação entre o verdadeiro e o fictício. O desejo descrito no poema poderia então, ser por um ser divino: Deus. Quando a autora em um dos versos diz que o desejo é eternidade. O desejo assim, tem como finalidade provocar os leitores a questionarem

a verdade referida no poema. Nos primeiros versos há uma referência em torno do órgão genital do ser amado, e agora há o uso da palavra “voando” como uma forma de presumir uma continuação: “Impudência pejo. E agora digo que há um pássaro voando sobre o Tejo.”

O poema VIII trata do distanciamento do ser amado em relação ao “eu”. Essa distância é identificada nos primeiros versos do poema: “se te ausentas há paredes em mim.” (HILST, 2002, p.22). E eventualmente resulta na incerteza em relação ao amor de seu amado: “Então me amas? te pões a perguntar.” O uso dos substantivos “paredes” e “friez” caracterizam ainda mais a relação. Esse desejo apresenta uma dualidade: De um lado mostra-se como algo avassalador e voraz, do outro mostra-se como algo que a completa. A figura feminina muda da posição de objeto para a posição de sujeito: “desejo é uma palavra com a vivez do sangue e outra com a ferocidade de um só amante. Desejo é outro. Voragem que me habita” (HILST,1992, p.22-23). O desejo concentra-se em partes diferentes da face, diferenciando-se do erotismo, que muitas vezes concentra a escrita na descrição da região genital do corpo. Observa-se um discurso desenvolvido entre duas versões poéticas: A da busca por uma idealização do erotismo e a busca por algo mais sublime.

O último poema da obra, retoma os questionamentos em todo do objeto do desejo. Que pode ser subentendido como um ser imaterial: “para pensar o outro, eu deliro ou versejo. Pensá-lo é gozo. Então não sabes? INCORPOREO É O DESEJO” (HILST,1992, p.24). O desejo trata-se de algo que não cabe em um corpo, entendemos que o desejo é a materialização de seus pensamentos, já a palavra seria a representação da imaginação e pode torna-se algo concreto e material. Dessa forma, uma forma de estar com o outro, que a mantenha inteira, seria através de suas escritas, da sua poesia. Ele expõe sua dualidade, por um lado, trata-se de algo que consome, que devora e por outro, é algo que completa o outro ser. Abordar o erotismo e o campo metafísico, é uma forma de abordar a fragilidade humana. Numa tentativa também de humanizar o divino com a pretensão de torná-lo mais compreensível. O tópico a seguir, irá abordar um pouco sobre alguns dos temas que aparecem nesta pesquisa, trata-se da contextualização em torno de termos como “erotismo”, “gênero” e “pornografia”.

3.1 Erotismo, gênero e pornografia

Apenas recentemente os estudos relacionados ao termo gênero vem ocupando espaço nas discussões sobre o tema. O conceito do termo “gênero”, objetiva nos direcionar para a construção social do sexo feminino ou masculino, e chamar atenção para essa composição como algo construído ao longo da vida, e não como algo predestinado logo no nascimento. É com base nisso que segundo Confortin (2003, p.110): “Dentre as diferentes perspectivas, surge o novo conceito de gênero, referindo-se à construção social e histórica dos sexos, ou seja, buscando acentuar o caráter social das distinções baseadas no sexo.”

Ainda sobre o assunto, Confortin (2003) acrescenta que os estudos sobre gênero ocupam um espaço nos discursos que surgiram a partir de estudos realizados em universidades e campos de pesquisas. E que tanto no Brasil quanto em outros países, a presença feminina se estabelece a partir dos movimentos operários, políticos e sociais de um país. De acordo com Confortin (2003, p.110): “[...] nos nossos dicionários, citado como exemplo o de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, gênero não aparece com significado de construção social do sexo, não aparece ligado à sexualidade ou ao sexo”. Assim, ambos os sexos são produzidos em sociedade, e trata-se de processos inacabados, que se desenvolvem ao longo da vida. Processo este, que virou pauta de diferentes discussões e estudos, devido as semelhanças e diferenças entre ambos os sexos.

Os seres que se reproduzem são distintos uns dos outros, e os seres reproduzidos são distintos entre si como são distintos daqueles que os geraram. Cada ser é distinto de todos os outros. Seu nascimento, sua morte e os acontecimentos de sua vida podem ter para os outros certo interesse, mas ele é o único diretamente interessado. Só ele nasce. Só ele morre. (BATAILLE, 1987, p. 11)

Assim, os seres se distinguem entre si. Resultando em um distanciamento descontínuo, visto como um abismo ocasionado por essas diferenças que os separam.

Em nossa origem, há passagens do contínuo ao descontínuo ou do descontínuo ao contínuo. Somos seres descontínuos, indivíduos que morrem isoladamente numa aventura ininteligível, mas temos a nostalgia da continuidade perdida. Não aceitamos muito bem a idéia [SIC] que nos relaciona a uma dualidade de acaso, à individualidade precível que somos. (BATAILLE, p.12)

Notamos assim, que o autor busca tratar dessa questão da vida e da morte. Isso porque para ele o erotismo se relaciona a essa dualidade. Assim, o erotismo seria o passo inicial para a formação de uma vida. Essa obscenidade que acompanha o ato sexual seria então uma forma de desestabilizar o indivíduo, resultando então, nessa relação de continuidade e descontinuidade do ser.

A atividade sexual de reprodução é comum aos animais sexuados e aos homens, mas, aparentemente, só os homens fizeram de sua atividade sexual uma atividade erótica, e o que diferencia o erotismo da atividade sexual simples é uma procura psicológica independente do fim natural encontrado na reprodução e na preocupação das crianças. (BATAILLE, 1987, p.10)

Partindo para a questão do pornográfico, sabemos que a pornografia e o erotismo são termos que se relacionam à sexualidade. No que diz respeito à escrita, para julgá-la como pornográfica, deve-se levar em consideração os variados contextos em que ela se insere. Para Alberoni (1986, p.12), por exemplo, “a pornografia é uma figura do imaginário masculino. É a satisfação alucinatória de desejos, necessidades, aspirações, medos próprios desse século.” a pornografia seria então a representação de desejos e pensamentos, uma manifestação do abstrato. Moraes e Lapeiz (1983, p.111) também contribuem com seus estudos: “[...] a pornografia só pode ser definida fora dela, a partir do que lhe é exterior e nunca de um espaço que lhe seja próprio [...] a segunda razão que sugere a existência negativa da pornografia é a própria relatividade deste conceito.”

O conceito de ambos os termos se modifica ao longo dos tempos, era considerado pornográfico todos os textos que fossem escritos de uma forma que chocasse quem os lessem, ameaçando assim, a integridade e boa moral de uma sociedade que atende aos bons costumes. Os autores ainda acrescentam:

A palavra ‘pornografia’ provém do grego ‘pornographos’ que significa literalmente ‘escritos sobre prostitutas’. Assim, em seu sentido original a palavra refere-se à descrição da vida, dos costumes e dos hábitos das prostitutas e dos seus clientes. Talvez por isso tenha chegado a significar, como a definem os dicionários atuais. (MORAES E LAPEIZ, 1983 p.109)

Hilda Hilst em entrevista ao Jornal do Brasil (1989), comenta que começou a escrever pornografia porque sabia que assim seria uma maneira de causar um “rebuliço” entre os leitores, e ser motivo de conversas. Queria que lessem seus

poemas, ainda que não a entendessem. O erotismo na obra de Hilda Hilst não se apresenta apenas como uma referência ao corpo ou nas intenções do enunciador. O desejo erótico surge também, como um elemento político, que serve para ligar a construção da subjetividade, a partir do erotismo da mulher. No que diz respeito ao erotismo, Bataille (1987) em sua obra, compartilha seus pensamentos, em que o autor diz:

Do erotismo é possível dizer que ele é a aprovação da vida até a morte [...] a atividade sexual de reprodução é como os animais sexuados e aos homens, mas, aparentemente, só os homens fizeram da sua atividade sexual uma atividade erótica (BATAILLE,1987, p.10).

A atividade erótica seria assim, uma prática que vai além do ato sexual, de uma relação corpórea, e o que diferencia o erotismo da atividade sexual, seria uma procura psicológica de caráter natural. Bataille (1987) ainda nesse texto, aponta três formas de erotismo: O erotismo dos corpos, o erotismo dos corações e o erotismo sagrado. O erotismo dos corpos e dos corações se entrelaçam de certa forma, e são mais conhecidos, já o erotismo sagrado, bem menos falado, faria uma referência a uma busca divina. Independente de qual erotismo escolha, sua finalidade é alcançar a parte mais profunda e íntima do ser. Retomando a ideia de relacionar o erotismo, a vida e a morte, de acordo com Bataille (1987):

Se a união de dois amantes é o efeito da paixão, ela invoca a morte, o desejo de matar ou o suicídio. O que caracteriza a paixão é um halo de morte. Abaixo dessa violência — à qual responde o sentimento de contínua violação da individualidade descontínua — começa o campo do hábito e do egoísmo a dois, o que quer dizer uma nova forma de descontinuidade. É somente na violação — com estatuto de morte — do isolamento individual que aparece essa imagem do ser amado que tem para o amante o sentido de tudo o que é. O ser amado para o amante é a transparência do mundo. (BATAILLE,1987, p16)

Alberoni (1986, p.9), também contribui para os estudos do erotismo: “O erotismo se apresentam sob o signo da diferença. Uma diferença dramática, violenta, exagerada e misteriosa”. O erotismo feminino, por exemplo, se classifica no campo sentimental. Em que as mulheres apresentam-se bem mais sensíveis aos acontecimentos do que os homens. O erotismo masculino seria mais relacionado ao contato com os órgãos genitais, e o da mulher mais ligado ao cheiro, ao toque nos objetos. Ao falar de erotismo, fala-se também da excitação, qualquer atividade por

mais simples que seja, pode levar o ser a este momento de prazer. Alberoni (1986) diz ainda, que até mesmo um bom livro de literatura pode levar o ser ao momento de excitação, e que a excitação não se resume apenas a um corpo despido.

No que diz respeito ao termo pornografia, a palavra provém do grego “pornógrafos”, que significa “prostitutas”. Já a palavra erotismo surgiu do século XIX, a partir do adjetivo “erótico”, derivado do grego Eros, considerado o Deus do desejo sexual. Abordar sobre pornografia e erotismo traz outro tema para essa discussão, estamos nos referindo ao termo “obsceno”. Moraes e Lapeiz (1983) fazem um breve comentário sobre o assunto:

Ao pesquisá-la encontramos duas versões. Havelock Ellis, médico inglês do século passado e pioneiro da sexologia, sugere que a palavra é uma corruptela ou modificação do vocábulo ‘scena’ e que seu significado literal seria ‘ora de cena’, ou seja, aquilo que não se apresenta normalmente na cena da vida cotidiana. De outro lado, o ‘Aurelião’ nos informa: obsceno é “1. O que fere o pudor; impuro; desonesto; 2. Diz-se de quem profere ou escreve obscenidades”, isto é, aquilo que se mostra, ‘em frente à cena’ (ob= em frente, sceno=cena). (MORAES E LAPEIZ 1983, p.110)

Moraes e Lapeiz (1983, p.113) abordam esse tema, numa tentativa de encontrar um sentido na pornografia. Eles afirmam ainda que referir-se a pornografia é tratar de diversão: “sim. É como apertar a tecla ON de um joguinho eletrônico e está dada a partida para mais um game de emoções que se insinua de maneira sutil, transportando-nos para um ponto no espaço e suprimindo a dimensão temporal.” O tópico a seguir irá apresentar uma contextualização em torno do místico e o campo metafísico. Por se tratar do principal objetivo dessa pesquisa: verificar o misticismo presente nos poemas da obra analisada.

3.2 Misticismo e o campo metafísico

O processo das escritas de Hilda Hilst caracteriza-se por apresentar um caráter intimista, voltado às questões do “eu”, através de uma linguagem moderna. Mas não é só isso, a autora trata também de questões que envolvem Deus e o homem. Como é o caso do objeto de análise desse trabalho, em que seus poemas passam a ter uma temática menos sensual e mais romântica, propondo também outros assuntos a serem discutidos.

Os poemas dessa obra propõem uma interpretação diferente para o objeto de desejo na obra, que não pode ser apenas subentendido como um ser palpável, de carne e osso. Já que existe a possibilidade de se tratar de um ser invisível e intocável, possivelmente (Deus). A escrita Hilstiana segue uma linha temática que une o visível ao invisível, transgredindo também até um caráter metafísico e místico. Abordando também a dualidade existente entre a vida e a morte e indo além da busca pelo ser divino:

Hilst se apropria dos temas dos escritores místicos acrescentando à própria prosa certa verve modernista e uma perspectiva secular, na qual dogmas religiosos estão ausentes. Assim, ao contrário de pregar o martírio do corpo, seu texto busca divinizar o humano e humanizar o divino. (SILVA, 2018, p.63)

Para definir esse termo, é interessante diferenciarmos os termos “misticismo” e “místico”. Hilda Hilst se apropria de uma temática que faz referência ao misticismo e acrescenta a sua escrita modernista e inovadora.

A palavra mística começou a ser usada com este sentido nos escritos de Dionísio Areopagita, na segunda metade do século V, inspirado no neoplatônico Proclo. Em tais escritos se acentua o caráter místico do neoplatonismo original, ou seja, da doutrina de Plotino³. Para ele, se insiste, por um lado, na impossibilidade de se chegar a Deus ou de se alcançar uma comunicação qualquer com Ele, mediante os procedimentos ordinários do saber humano; deste ponto de vista, não se pode fazer mais que definir a Deus negativamente (teologia negativa). Por outro lado, se insiste em uma relação originária, íntima e privada, entre o homem e Deus, relação em virtude da qual o homem pode voltar a Deus e unir-se por fim com Ele em um ato supremo. Este ato é o êxtase, que Dionísio considera a deificação do homem. (BARROSO 2009, p.104 apud Abbagnano, 1998, p. 805-806.)

Uma característica comum de sua prosa são os nomes atribuídos a imagem de Deus: “Deus é nomeado de maneiras diversas e até contrastantes, como Cara Mínima, Tríplice Acrobata, Cara Escura, Cara Cavada, Sumidouro, Grande Corpo

Rajado [...]” (SILVA, 2018, p.63). A poetisa escreve em suas obras sobre suas paixões, mas deixando um ar de mistério sobre o ser de desejo. A autora une as representações do “outro”, em que a procura pelo ser amado acontece na mesma intensidade que aquela pelo divino. Na poesia da autora, esse Deus onipresente e criador do céu e da terra, apresenta-se de diversas formas, como algo que liga o erotismo e o divino, o homem e a figura de Deus. Como uma tentativa de unir o humano e o divino em suas escritas, Hilda Hilst aborda o místico e o erótico, de forma dialética, numa tentativa de humanizar o divino para que ele adentre nos mistérios do corpo humano. Hilda Hilst escreve sobre suas paixões e desejos, de um jeito que seu imaginário caracteriza-se como algo instável e à deriva: Como se a todo instante estivesse em busca de algo que o complete, algo que de certo modo estivesse inalcançável.

A obscena senhora D (1982) retrata a estória de uma idosa que passa a isolar-se no vão da escada, após a morte do marido, e que atinge um estado de loucura:

Senhora D, é definitivo isso de morar no vão da escada? Você está me ouvindo Hillé? Olhe, não quero te aborrecer, mas a resposta não está aí, ouviu? Nem no vão da escada, nem no primeiro degrau aqui de cima, será que você não entende que não há resposta? (HILST, 2001, p.14)

A personagem encontra-se numa luta metafísica contra a morte, em que Deus aparece para ela na forma de um animal, uma porca. Os animais retratados seriam então, a representação do corpo como matéria pura. Mesmo que esse aspecto selvagem não signifique uma certa inferioridade aos demais seres, ela serve para lembrar que o ser humano também é feito de matéria, mas, ao contrário dos outros animais, trata-se de uma matéria que pede por transcendência.

Casa da Porca, assim chamam agora a minha casa, fiquei mulher desse Porco- Menino Construtor do Mundo, abro a janela nuns urros compassados, espalho roucos palavrões, giro as órbitas atrás da máscara, não lhes falei quer recorto uns ovais feitos de estopa, ajusto-os na cara e desenhos sobancelhas negras, olhos, bocas brancas abertas. (HILST, 2001.p.14)

Hilda Hilst faz da expressividade uma estratégia para chamar e prender a imaginação dos leitores, acerca do desejo de suas personagens. Esse delírio em relação a imagem divina, se configura como uma busca por respostas por parte

desse ser. Em busca de uma resposta desse Deus silencioso: “O quê? O que, meu Deus? Não te escuto” (HILST,2001, p.23). Desta forma, o erotismo encontrado na obra apresenta traços que remetem ao sagrado. A devoção pelo sagrado se intensifica cada vez mais ao longo da história, ao ponto da personagem abrir mão do desejo carnal:

[...] não venha, Ehud, posso fazer o café, o roupão branco está aqui, os peitos não caíram, é assustador até, mas não venha. Ehud, não posso dispor do que não conheço, não sei o que é corpo mãos boca sexo, não sei nada de você Ehud a não ser isso de estar sentado agora no degrau da escada[...] (HILST, 2001, p.16)

Há um desprendimento de tudo que está ligado ao corpo, como se tudo tivesse perdido o sentido, e que apenas o que interessasse fosse alcançar o sagrado. Como se ao realizar o ato sexual, ela estaria cometendo um pecado. Essa interdição erótica se transforma assim, em uma busca pelo divino. Assim, a figura de Deus torna-se seu objeto de desejo.

A importância da obscenidade na ordenação das imagens-chave da atividade sexual acabou por cavar o abismo que separa o misticismo religioso do erotismo. É em razão dessa importância que a oposição do amor divino e do amor carnal é tão grande. (BATALLÉ, 1987, p, 158)

O eu-lírico continua a sentir o distanciamento do divino, e a seguir seu caminho repleto de frustração pessoal. Fazendo surgir a hipótese de que este tipo de abordagem seria um tema alternativo, devido a fama que a escritora tinha de escrever textos pornográficos, não limitando as suas escritas, vista assim, como uma forma de provar que suas escritas vão além do que pensavam. Inferimos que a obra traz uma abordagem sobre uma vida sem sentido e incompleta, em que a personagem passa a viver de lembranças do seu amado, e de buscar pelo ser divino, numa tentativa de se preencher e dar sentido a sua vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tudo que foi exposto a partir do contexto em torno da figura feminina no início do trabalho, levamos em consideração todo o contexto social e político em torno das mulheres até o presente momento, sem diminuir o seu papel na construção da literatura brasileira. Como uma forma de quebrar paradigmas, e romper barreiras impostas sobre as mulheres, elas passam a escrever sobre temáticas polêmicas e situações cotidianas. Escritas estas, consideradas pornográficas, eróticas e imorais. Sempre incompreendidas e criticadas. Diante da situação, surge a necessidade de um estudo em torno da escrita feminina.

Ao chegarmos ao final desse trabalho, consideramos que ele apresenta alguns aspectos relevantes para interessados nos estudos literários. É também de relevância para aqueles interessados por um contexto em torno da mulher ou para aqueles que buscam conhecer um pouco sobre a escrita de Hilda Hilst. Consideramos também que os objetivos propostos foram alcançados: a verificação do erótico, do desejo feminino e a comprovação de uma abordagem mística através da análise dos poemas.

Considerando a importância de um dos principais nomes da literatura brasileira contemporânea, com obras marcadas pelo erotismo sob uma perspectiva feminina, foi verificado alguns aspectos presentes nas escritas de Hilda Hilst, obras estas, consideradas pela crítica literária como “pornográficas”. Em relação ao uso desse termo para caracterizar uma escrita, e julgá-la como pornográfica e inapropriada, deve-se ser levado em consideração os vários contextos em que ela se insere. Diante disso, para a construção desse estudo, foi necessário recorrermos aos textos teóricos utilizados como embasamento neste trabalho. Para Alberoni (1986) por exemplo, a pornografia é vista como uma figura do imaginário masculino, é a representação de desejos e necessidades. A pornografia pode ser interpretada então, como a representação dos desejos, não limitando-o apenas aos desejos carnis. É o caso da obra analisada, que apresenta escritas menos eróticas.

Um desejo que antes configurava-se como algo apenas carnal, parte de uma interpretação diferente em relação ao objeto de desejo do eu-lírico, quando são apresentados versos que deixam subentendido o ser desejado como um ser divino. Ao falar-se em pornografia, fala-se também em erotismo, em que ambos os termos

se relacionam à sexualidade. São termos que se relacionam e que foram abordado nessa pesquisa. Para Bataille (1987), a atividade sexual de reprodução é comum tanto para os animais, quanto para os homens, mas, aparentemente, apenas os homens fizeram da atividade sexual, algo erótico. O erotismo nas obras de Hilda Hilst, dessa forma, não se apresenta apenas como um referencial ao corpo. Sua escrita segue também uma linha temática que relaciona o visível ao invisível. Abrindo espaço para inúmeras possibilidades de interpretação, entre elas a de que os poemas remetem a uma representação mística. Comprovada por exemplo, na análise de alguns poemas da obra *Do desejo*.

Após a realização dessa análise, constatamos que a proposta é cumprida, ao observarmos que a escrita transgride do erotismo feminino para a idealização do sublime, expondo essa dualidade em torno do objeto de desejo. Levando em consideração tudo o que foi exposto, o trabalho servirá como base para futuros projetos em torno de pesquisas relacionadas a literatura de autoria feminina, e em torno da autora abordada. Em que os temas relevantes aqui abordados, poderão ser aprofundados com base nos textos teóricos utilizados durante toda a pesquisa, que serviram para enriquecer essa pesquisa, sem deixar de ressaltar também a importância dos trabalhos da autora Hilda Hilst na construção da literatura brasileira.

REFERÊNCIAS

- ALBERONI, Francesco. **O erotismo: Fantasias e realidades do amor e da sedução.** São Paulo: Círculo do livro S A, 1986.
- ALMEIDA, Ângela Maria. **Feminilidade: caminho de subjetivação.** Belo Horizonte, MG: Estudos de psicanálise p. 29–44 ,2012.
- BARROSO, Marcos. **Misticismo como forma dinâmica de religião.** Sacrelegens, v.6 Juiz de Fora, 2009.
- BATAILLE, Georges. **O erotismo.** Porto Alegre: L e PM, 1987.
- BASTONE, Petra. **Ser mulher segundo Freud: um caminho para a feminilidade?** Ekstasis: revista de hermenêutica e fenomenologia, v. 9, 2020.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- CONFORTIN, Helena. **Discurso e gênero: A mulher em foco.** Campina, Atóno,2003.
- CUNHA, Leticia. Agência de notícias. Disponível em: <http://www.agenciadenoticias.uniceub.br/?p=22618> Acesso em: 05. Set.2021.
- DUARTE, Constância Lima. **Nísia Floresta: uma mulher à frente do seu tempo** Rio de Janeiro: Fundação Ulysses Guimarães, 2008.
- ESSER, Débora. **Literatura de autoria feminina: mulheres em cena, na história e na memória.** Vol15. Revista e Letras, 2014.
- GOMES, Ana. Auta de Souza: **Uma poeta de múltiplas marcas culturais.** Natal, revista da FARN, 2007.
- GUIMARÃES, Cinara L. **A obscena Senhora D, de Hilda Hilst, e as relações entre Eros, Tântatos e Logos.** João Pessoa, UFPB, 2007.
- HILST, Hilda. **A obscena senhora D.** São Paulo: Globo, 2001.
- HILST, Hilda. **Do desejo.** São Paulo: Pontes, 1992.
- HILST, Hilda. Era feminina. Disponível em: <https://azmina.com.br/colunas/hilda-hilst-era-feminista-porque-era-livre-na%CC%83o-tinha-medo-e-escrevia-sobre-tudo/> Acesso em: 15 abr. 2021.
- LOPARIC, Zeljko. **A metafísica e o processo de objetificação.** Natureza Humana, 2008.
- LAPEIZ, Eliane Robert Moraes Sandra Maria. **O que é pornografia.** São Paulo: Círculo do livro S.A, 1983.

NÍSIA FLORESTA. Projeto memória. Disponível em:
<http://www.projetomemoria.art.br/NisiaFloresta/obr.html>. Acesso em: 12.mai. 2021

PEREIRA, Maria do Rosário Alves Pereira. **Amor e erotismo na obra do desejo de Hilda Hilst**. Revista Crioula, 2016.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013.

ROUGEMONT, Dennis. **O amor e o ocidente**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

SANTOS, Yuri Vieira. **Hilda Hilst: O caderno rosa de Lori Lamby**. São Paulo: Casa do sol, 2000.

SILVA, Leandro. **Aspectos do divino em três narrativas de Hilda Hilst**. Três Lagoas: Guavira Letras, 2018.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1999.